

# Tempo de barbárie

**EUROPA**


Protesto antinazista em Londres. A polícia intervém

*Um fantasma percorre o Velho Mundo, em uma nova versão dos skinheads. Não perambula apenas pelas ruas: ganha cadeiras nos parlamentos e planeja “limpezas étnicas” nas frentes de guerra*

**A**lemanha: nada de novo no front – “Não vejo nenhum perigo neonazista na Alemanha”, declarou o chanceler (primeiro-ministro) Helmut Kohl em 27 de maio à BBC de Londres. Oito dias antes, sete soldados de um batalhão especial do exército, encarregado de prestar honras militares aos chefes de estado estrangeiros em visita ao país, gritaram palavras de ordem racistas (“gases para os judeus” e “estrangeiros fora da Alemanha”) e agrediram um passageiro no ônibus que os levava a Bonn, onde está sua base.

Quando a polícia os deteve e o assunto passou às mãos da Justiça, um funcionário do Ministério da Defesa qualificou o incidente de “lamentável” mas considerou que não havia influência da extrema-direita no Exército alemão, que tem cerca de 370 mil homens.

O fato, de uma gravidade sem precedentes porque os soldados pertenciam à guarda de Kohl, não é o primeiro episódio que envolve as Forças Armadas alemãs. Em 1992, pelo menos três pessoas foram assassinadas por militares que participaram de agressões violentas da extrema-direita contra comunidades estrangeiras. No ano passado, vários suboficiais e soldados se juntaram a um ataque contra uma residência de refugiados no oeste da Alemanha.

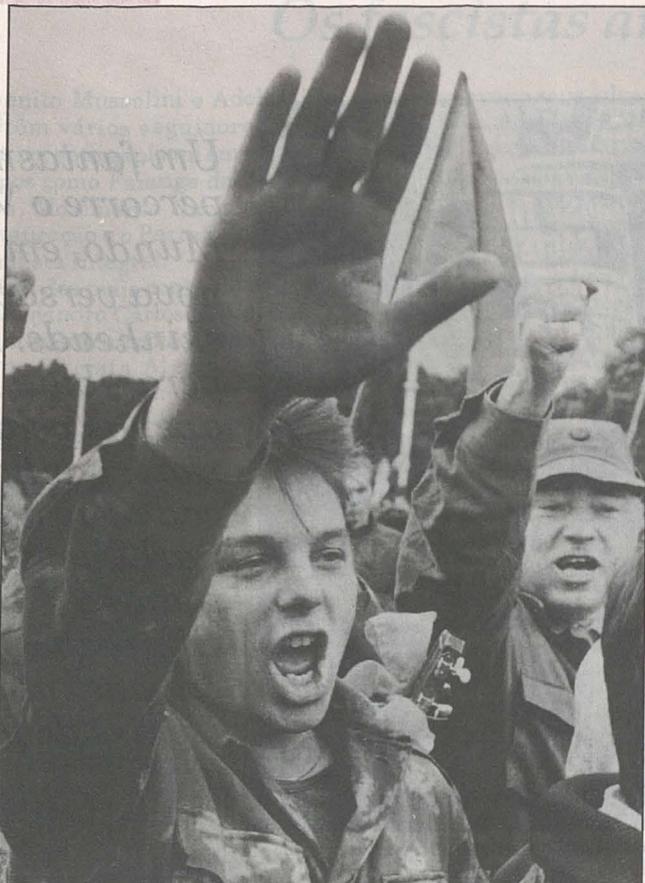
Existem 82 organizações de extrema-direita no país, integradas por 42 mil pessoas. Essas cifras não incluem partidos xenófobos e racistas, como Os Republicanos (REP), que contam com 23 mil membros. Todos atuam com a tolerância da justiça, a simpatia das Forças Armadas e a cumplicidade da polícia.

Em 1992, ocorreram mais de 2.500 atentados de natureza xenófoba na Alemanha. Segundo o Escritório de Interesses dos Estrangeiros, em 1993 se cometeram mais de 6 mil atos de violência racial. Entre janeiro e março deste ano, se registraram mais de 700 ataques.

Os REP constituem o principal partido da ultra-direita: contam com oito deputados no Parlamento, em Berlim, e entre 1989 e 1994 conseguiram eleger 611 deputados em 211 assembleias legislativas de todo o país. Franz Schoenhuber, seu líder, costuma dizer que “o único crime da Alemanha perante a história é ter perdido duas guerras”.

Kohl, que está há 12 anos no poder, tem tratado de minimizar a importância dos reiterados atentados contra sinagogas, profanação de cemitérios – sobretudo judeus – e ataques a albergues de trabalhadores estrangeiros e refugiados políticos, fundamen-

EUROPA



Moscou:  
jovens russos  
reproduzem,  
com orgulho,  
a saudação  
nazista

talmente turcos. Os co-governantes partidos Democrata Cristão, Social-Cristão e Liberal Democrático garantem que não há motivos para endurecer as leis penais.

Segundo o Ministério do Interior, os REP não cumprem os requisitos para serem classificados como "nazistas" e garante que apenas há "casos individuais" de delitos racistas cometidos por membros dessa organização. A Corte de Justiça Federal decidiu em março passado que os que negam que durante a II Guerra Mundial judeus e outras minorias foram assassinadas em massa nos campos de concentração – como é o caso dos REP – não podem ser punidos pela lei.

**França: o fascismo bate à porta duas vezes** – A derrota da Alemanha em 1945 sepultou as posições da extrema-direita francesa durante mais de duas décadas. Embora seus simpatizantes tenham mostrado suas unhas durante a guerra de libertação da Argélia (1954-62), os fascistas locais carregavam sobre seus ombros o estigma de ter colaborado durante a II Guerra Mundial com os ocupantes nazistas.

Porém, quando terminou o período de crescimento do Plano Marshall – o respaldo econômico dos Estados Unidos na época do pós-guerra – e a Europa entrou na etapa de recessão, desemprego e crise social que dura até hoje, os extremistas voltaram a exibir suas garras.

Em 1970, o advogado Jean-Marie Le Pen – criado em um orfanato, ex-pára-quedista na Argélia e um dos fundadores da Internacional Fascista – formou a Frente Nacional. Sua primeira incursão nas eleições presidenciais de 1981 redundou em um fracasso: não conseguiu reunir as 500 assinaturas necessárias para avaliar sua candidatura.

Ao longo dos anos 80, porém, conseguiu eleger 12 deputados para o Congresso. A Frente Nacional prometia lutar contra os vários "males" gerados pelo "comunismo e o capitalismo através do sionismo internacional": a imigração estrangeira, a perda de empregos, a queda do poder aquisitivo da classe média, o projeto da União Européia. Sua tática é simples: apelar para as frustrações, o medo e a insegurança de pequenos comerciantes, funcionários de baixo nível, jovens desempregados, aposentados e católicos integristas através da xenofobia e racismo.

**Tempestade na ex-Iugoslávia** – Quando, em junho de 1991, as tropas sérvias desencadearam um sangrento processo de "limpeza étnica" contra muçulmanos e croatas, ficou claro que os 35 anos de estabilidade racial do governo de Josip Broz Tito (1945-1980) se desintegraram junto com o território balcânico.

A destruição quase total de cidades centenárias como Zagreb, os bombardeios arrasadores contra populações civis, a criação de campos de concentração, a violação em massa de mulheres como "arma de guerra" e o êxodo de centenas de milhares de pessoas para os países fronteiriços demonstraram quais eram os sinais dos novos tempos.

Vojislav Seselj, ex-funcionário comunista e atual líder do Partido Radical da Sérvia e Montenegro (denominação da nova Iugoslávia) defende agora posições racistas e ultranacionalistas. Propõe expulsar da Sérvia as minorias étnicas e não dissimula suas ambições – compartilhadas com outros dirigentes – de conquistar todo o território da Bósnia-Herzegovina, onde o domínio sérvio chega a 72%.

Mas Seselj parece um civilizado parlamentar se o compararmos a seu colega Zeljko Raznjatovic, conhecido como *Arkan*, líder do Partido dos Cidadãos Independentes e chefe do grupo paramilitar "Os Tigres". *Arkan* e seu grupo armado, acusados perante a Organização das Nações Unidas por crimes de guerra na Bósnia, tem uma triste fama na região de Kosovo, onde os habitantes albaneses (90% da população) são diariamente atacados.

Na Croácia, os antigos inimigos dos sérvios não ficam atrás. No dia 1º de junho quando se comemorou o terceiro aniversário da separação da ex-Fede-

ração Iugoslava, o governo de Franjo Tudjman reimplantou a moeda usada durante a II Guerra Mundial (1939-45) pelo regime pró-nazista de Ante Pavelic e suas tropas de assalto conhecidas como *ustachis*.

A *kuna* era moeda circulante entre 1941 e 1945, quando Pavelic exterminou milhares de sérvios, judeus e outras minorias não croatas. Anteriormente, o governo tinha mudado os nomes de ruas, escolas e praças dedicadas à memória de combatentes antifascistas. No ano passado, um colégio foi rebatizado com o nome de Mile Budak, braço direito de Pavelic, e uma famosa praça de Zagreb ganhou o nome de Praça da Grandeza Croata, como na época dos nazistas.

Quando a Croácia se tornou independente, em junho de 1991, o brasão em forma de tabuleiro de damas usado durante o regime *ustachi* em cada edifício e nos uniformes foi recolocado na bandeira nacional.

Tudjman apóia os bósnios croatas que atacaram os muçulmanos para criar seu próprio Estado na Bósnia. Os bósnios croatas não ocultam sua admiração por Ante Pavelic e ostentam freqüentemente sobre seus uniformes a "U" *ustachi*, o equivalente croata à suástica (cruz gamada) alemã.



O drama dos muçulmanos na Bósnia-Herzegovina, sob o emblema dos fascistas croatas

Depois estão os integrantes do grupo Memória, oficializado em 1985, que defendem a recuperação dos valores da época dos czares e o expansionismo territorial. Usam uniformes do exército czarista e, embora não defendam a expulsão dos judeus, e sim a proibição de misturar-se com eles, se declaram herdeiros dos grupos que no século passado organizaram *pogroms* (massacres) em toda a Rússia.

**Nazistas, czaristas e imperialistas na Rússia** – Nas eleições parlamentares de dezembro passado, Vladimir Jirinovski, líder do direitista Partido Liberal Democrático (PLD), obteve 23,5% dos votos e desde então sua beligerância – e aceitação entre a população – tem crescido.

Agora, pretende ganhar as eleições presidenciais de 1996 porque, segundo afirmam seus seguidores, "a maioria do povo quer ver seu país novamente forte e não se arrastando aos pés dos Estados Unidos".

Jirinovski propõe que a Rússia recupere sua antiga grandeza e restabeleça as fronteiras da desaparecida União Soviética, incluindo a reincorporação de 14 repúblicas que se tornaram independentes. É partidário do exército e da venda de armas russas para o Terceiro Mundo.

O caos em que se encontra mergulhada a Rússia desde a queda do comunismo – com 15 milhões de habitantes em risco de ficar desempregados e onde os menos favorecidos ganham salários de oito dólares – provoca uma sensação geral de insegurança e derrota, que cria um terreno fértil para as propostas da ultradireita.

Jirinovski é o principal representante da direita, mas não o único. Há outros, menos populares e mais extremistas, com os quais o líder do PLD tenta costurar uma grande aliança.

Os mais agressivos são os membros da Unidade Nacional Russa, uma força de 1.500 homens. Propõem a expulsão dos judeus e outras nacionalidades, vestem uniformes – em cujas mangas exibem uma versão estilizada da suástica alemã – e distribuem a publicação *Ordem Russa*, à qual definem como "o primeiro jornal nacional-socialista do país".

**Grã-Bretanha: a ultradireita vem marchando** – Quando Derek Bacon, do ultradireitista Partido Nacional Britânico (PNB), foi eleito no ano passado para ocupar uma cadeira na Câmara Municipal de Isle of Dogs, um subúrbio pobre a leste de Londres, os partidos tradicionais receberam o primeiro alerta de que a extrema-direita estava mais próxima que eles do eleitorado desempregado e que podia se transformar na quarta força política da Inglaterra.

O PNB assume um discurso neonazista e recruta seus integrantes entre os grupos de *skinheads*, jovens "carecas" desempregados, provenientes de famílias de bairros operários. Os *skinheads* surgiram por volta de 1966 como uma reação violenta contra o movimento *hippie* e sua palavra de ordem "paz e amor" e depois estenderam seus ataques contra trabalhadores estrangeiros, fundamentalmente indianos e paquistaneses.

O segundo sinal chegou em 5 de maio passado, quando os extremistas do PNB se apresentaram nas eleições locais da Inglaterra, Escócia e Gales para disputar cadeiras em 50 câmaras municipais, em um total de 5 mil. O avanço da extrema-direita desde a eleição de Bacon até o último pleito foi evidente.

(R.B.)